

O INO CENTE CUL PA DO LICÍNIO NUNES



1

Era Fevereiro. Lá fora o frio encortiçava as folhas perenes das plantas. Ao longe, algures na outra margem do Douro, já o barco do Constantino jazia atracado nos rochedos da Seara, e da sua proa ousada restava apenas o lenho que desafiava o breu por entre os choupos da margem. Aqui e além cintilava uma luzinha, tentando apagar-se a cada balbucio do vento. O recorte gigantesco e imponente dos montes de Magrelos, Sande e de Penha Longa, apertava-se contra os céus onde Deus há muito havia já desligado a luz da vigia e iniciava mais uma vigília, na Sua tarefa árdua de ser onnipresente.

O murmúrio do rio, por entre as pedras e vales onde fugia entalado, tocava a proa do barco do Constantino, roçando-se depois nos sargaços, que desanimados e cansados de tanto lutar com a corrente, já se deixavam banhar nas águas barrentas do rio revolto, que se esgueirava nos rápidos de Meijoadas e nos meandros de Escamarão, ao encontro do Tâmega, para depois, abraçados, seguirem até à foz.

Nas escarpas do Montemuro, o cristalino das neves geladas luzia qual espelho, à medida que as nuvens negras deixavam perceber a lua vagarosa e mortíça, que num jogo incessante se aconchegava no seu seio.

Os serranos, habituados às agruras do clima, depois da ceia, e porque não havia o que fazer, nem o tempo permitia, estiravam-se na cama onde os cobertores de pura lã de ovelha bem urdida no tear da Miquelina, sobre os lençóis de estopa, criavam um desconforto que só o seu peso e o cansaço do dia lhes permitia adormecer.

Na taverna da Mila do Lopes uma moçoila dos seus vinte, baixa, rosto largo e simpático, restavam dois clientes que, encostados a duas canecas de verde tinto, faziam retardar o encontro com as mulheres, que os aguardavam em casa rodeadas da canalha, que continuava na algazarra, como se do recreio primário se tratasse. A conversa era arrastada, e Mila começou a mostrar-se nervosa e inquieta, não que não estivesse habituada, mas porque as pernas já mal se arrastavam. Era uma tarefa dura, a dela, que funcionava como centro operacional e informativo da aldeia, já que um dos três únicos telefones ali operava, não fosse ele o 13 do grupo de redes de Penafiel. Ela chamava médico, pedia medicamentos, chamava táxi e não havia boa ou má notícia que por ali não passasse.

- Vá, meninos, vamos a contas que amanhã cá estamos – retorquiu enquanto recolhia as canecas escorridas de tinto carrascão. Até amanhã, se Deus quiser...

Os dois clientes retiraram-se e Mila enxaguou os copos e canecas, limpou as mãos ao avental que sempre usava e apressou-se a subir à cozinha, onde a família já não estava. Deu uma vista de olhos pelo quarto do irmão, que como de costume ainda não havia regressado de casa da namorada. Já cansada, recolheu-se ao seu quarto e, depois de rezar o Padre-nosso, deitou-se, adormecendo

pouco depois.

Na loja do Jorge Monteiro, onde o ambiente era menos refinado e a conversa fluía normalmente, por entre uns negos ou canecas de vinho, e onde à mistura do cheiro a sardinha e petiscos em molho vinagrete, se juntava ainda o cheiro a vinho, bem como o cheiro a suor da jorna de todo o dia, que na mistura com os odores da brilhantina e do 444, para desinfetar o corte da navalha distraída do barbeiro, que aquele acumulava com as funções de taberneiro, emprestavam àquele local um ambiente característico e incontornável.

Na cadeira de braços do barbeiro, feita na mais fina madeira de cerejeira, adornada com cravos de cabeça amarela de latão, e cujo encosto de cabeça acumulava algumas camadas de sebo, no couro luzidio, estava o Zé Malaquias, que encomendara barba e cabelo, sem esquecer a apara do bigode retorcido e esticado, que exhibia desde muito novo, a adornar aquela cabeça redonda onde sobressaía a cara bolachuda e brilhante.

Ao canto, num banco corrido, sentava-se o Aires de Chelo, que fazia anos todos os meses e que estava sempre na mesma, talvez pelo tempo que passou enterrado nas minas do Pejão e que, ainda agora, lhe mantinham no rosto o negro das lâminas e pó de carvão, que contrastavam com a tez pálida que sempre tivera.

No centro do banco encontrava-se o Zé Maria Sardão, uma das figuras típicas da paróquia, que apesar de inofensivo, se transformava num indomável leão, quando os vapores de Baco lhe subiam ao cinzento do seu ensombrado cérebro.

Na outra ponta sentava-se, meio absorto, o Sebastião, um moço dos seus dezoito e que a desgraça abalroara muito cedo, ao ceifar-lhe o pai, colhido num acidente quando cortava um pinhal na serra próximo de Piães. Este incidente tinha deixado marcas profundas no psíquico de Sebastião, que, apesar da sua juventude, fora

transformado numa pessoa pesada e azeda, a ponto de ir buscar o antídoto para a sua desgraça àquele recanto, para ele já familiar.

Naquela noite, Sebastião estava mais soturno que nunca e cabisbaixo, abanava as botas enlameadas, mãos apertadas e suadas, apesar dos calos ressequidos de quem já não trabalhava há algum tempo.

- Boa noite, meus senhores - diz o intruso acabado de chegar, ao que os outros, quase em uníssono e voltando lentamente as cabeças, respondem com a mesma saudação.

O Tono Gordo era um indivíduo pouco querido naquelas paragens, onde o tempo passava devagar e a vida rendia o dobro que no resto do mundo e onde, apesar do ambiente de bafio, próprio da solidão em que a aldeia vivia, não havia desacatos e as pessoas todas por norma se respeitavam e se conheciam e onde muitas vezes a rixa de hoje, amanhã não passava de um sonho mal contado. Não havia ressentimentos e as pessoas eram felizes à sua maneira.

Tono Gordo era de fora da terra e inúmeras vezes causara desacatos na aldeia, dada a sua grosseria e altivez atrevida, espelhada no seu olhar provocador e glutão, principalmente quando enxergava um rabo de saia, tivesse ele dono ou não. E naquela terra, se havia coisa sagrada era a mulher ou filha de um local, no que respeita a respeito.

- O senhor Monteiro marque vez, que quero fazer a barba, balbuciou Tono. Esta noite, vou ver uma viúva que me anda a dar a volta à cabeça.

Os presentes continuaram absortos nos seus cigarros Kentucky e Definitivos, enrolando a língua para libertar a pele dos lábios, que a falta de filtro nos cigarros muitas vezes arreperava e fazia sangrar.

Tono continuava a conjecturar a noite com a dita viúva e inqui-

riu o barbeiro:

- Senhor Monteiro, tem Old Spice? É que hoje quero um perfume bem cheiroso, hem! Uma viúva tão só, e há tanto tempo...

A plateia continuava como que ruminando os cigarros, quase periscas, enquanto Sebastião continuava a olhar as botas, como se nunca as tivesse visto.

- A seguir? Indaga Jorge Monteiro, sem levantar o sobrolho por debaixo das sobrancelhas, que mais pareciam dois piaçabas grisalhos, e a quem as pernas trôpegas atraíam muitas vezes, talvez porque durante anos a mais suportaram aquele corpo gorducho, sempre de pé, pagando a factura da quase incompatibilidade das suas duas profissões.

Como ninguém se mexeu, Tono Gordo avança para a cadeira, que já tinha sido “soprada” pelo barbeiro, a fim de tentar remover os pelos e cabelos da tosquia anterior.

Sem quaisquer comentários, Jorge Monteiro agita o pincel na taça de latão e a espuma começa a aparecer e ainda Tono não havia resgatado o carço do pescoço do aperto do babete com que Jorge Monteiro o sugara, e já aquele levava com o pincel farto de espuma, começando a agitá-lo em círculo, de forma a cobrir-lhe o rosto.

A navalha salta ágil nas mãos do mestre que, entalando a língua entre os dentes e a bochecha, começa a escanhoar o cliente e, pouco tempo depois, dava a tarefa por terminada, retirando a toalha e o babete e repetindo o sopro tufónico sobre o cliente e a cadeira, que se apressou a vergastar com a toalha, tendo no fim revirado o tampo redondo do assento, à espera do primeiro cliente do dia seguinte.

- Quer tomar alguma coisa, perguntou o taberneiro, que acabara justamente de entrar de serviço!

- Uma caneca de tinto, replicou Tono Gordo encostando-se ao balcão. Ainda as mãos não haviam pousado, já a caneca com o espumoso néctar se encontrava à sua frente. Tono não hesitou e sorveu um gole, perguntando de seguida:

- Alguém me diz onde mora a Guida Chorona?

O ambiente gelou e as neves alvas do Montemuro começaram a escurecer. Sebastião, inerte, levantou o sobrolho, mordeu o lábio superior e espumou. Depois, como um touro enraivecido, levantando-se indo buscar a agilidade perdida ao âmago da espinal medula, e ainda Tono não havia ingerido o segundo gole, já o queixo esbarrara na caneca que, vertendo o seu conteúdo, se estilhaçou completamente, junto à pia da loiça, de cimento salpicado de branco.

Rodando sobre si, como pinheiro caindo ao golpe do serrão, Tono investe furiosamente sobre Sebastião estatelando-o sobre a pipa vazia que estava por trás do banco.

Zé Maria Sardão e Aires de Chelo, que ainda não acreditavam no que viam, haviam sido literalmente cuspidos do seu assento habitual.

Entretanto, os contendores embrulhavam-se um no outro, resfolegando como touros, na tentativa de eliminar a sua vítima, haviam caído já com fragor nas pedras da calçada.

Aqui e ali, acendem-se lâmpioes a petróleo e velas de cera às janelas, e iluminavam-se alguns rostos atónitos, que estremunhados tinham despertado do sono que haviam começado juntamente com as galinhas. A quietude da noite fria transformou-se de repente, e as ensonadas pessoas em ceroulas ou em calças, mal vestidas, começaram a acorrer ao local.

Alheios a tudo isto, os briguentos ensanguentados rebojavam-se no chão, proferindo ameaças e palavrões.

De entre os mirones, emerge um homem magro, estatura média, cabelos negros, que em camisola interior de alças caveadas, grita:

- Hei, meus amigos, vamos lá acabar com isso! Acto contínuo, tenta meter-se entre os dois antagonistas na tentativa de os separar. Os murros continuam sem direcção certa e o mediador já rolava pelo chão entalado entre os dois.

De repente ouve-se mais uma ameaça:

- Vou-te matar, filho da puta!

Nesse momento ouve-se um grito, que escureceu ainda mais os semblantes sombrios daquela gente, que incrédula e incapaz assistia ao desacato.

Os agressores separam-se, erguem-se como varas de carvalho e, atónitos, desatam a fugir, cada um por seu lado. No chão, esvaindo-se em sangue e com uma ponta e mola espetada nos intestinos, que se espalhavam já pela gélida calçada, jazia um corpo inerte e pálido. Era António Lopes.

O Gil já tinha nascido e aquele local parecia-me o mais indicado. Peguei numa pá, com terra muito preta e água num bidon, que arrastei até à cova funda que havia escavado. Estava plantada a árvore. Depois, peguei nos troncos que haviam sido cortados, mergulhei-os e mandei o camião entregá-los na celulose. De volta deveria trazer-me uma bobine de papel que foi cortada em tamanho adequado. A folha começou a mover-se sob o lápis, na tentativa de o fazer deixar o seu rasto negro, enquanto eu o segurava teimosamente, para que não me estragasse aquele papel, que era o meu. E pouco a pouco, o lápis foi-se consumindo, e a história foi ficando ali, vertida sobre o papel, onde o lápis já tinha perdido a ponta de tanto se roçar...